

DOM QUIXOTE: LITERATURA E RELIGIOSIDADE

DON QUIJOTE: LITERATURE AND RELIGIOSITY

Marielle de Souza Vianna¹

Doutoranda em Teologia (EST)

marielle.vianna@hotmail.com

Resumo: Esta pesquisa investiga as relações entre literatura e religiosidade elaboradas a partir da experiência vivida por um grupo de estudantes idosos de diferentes credos religiosos, tendo como base a leitura e a interpretação da obra *Dom Quixote de la Mancha* de Miguel de Cervantes. O que impulsionou os movimentos desta investigação foram as discussões acerca da interculturalidade religiosa, que aconteceram durante a realização de saraus literários nos quais foram lidas e interpretadas passagens selecionadas (que abordavam a questão do analfabetismo na fase adulta, o desejo de saber e a interculturalidade religiosa) da obra cervantina com uma turma de alfabetização de idosos, cuja idade variava entre 60 e 83 anos, numa escola municipal de Porto Alegre, em 2006.

Palavras-Chave: Don Quixote; literatura; religiosidade; vivência.

Abstract: This research has investigated the relations between literature and religiosity elaborated from the living experience of an elderly students' group with different religious beliefs, having as basis the reading and interpretation of the work *Don Quixote de la Mancha* by Miguel de Cervantes. What motivated this investigation movements were the discussions on the religious interculturality, that occurred during the realization of literary saraus, in which selected passages from Cervantian work were read and interpreted (that approached the illiteracy issue in adulthood, the desire of knowing and the religious interculturality) by the elderly literacy group, whose age ranged between 60 and 83 years old, in a municipal school in Porto Alegre, in 2006.

Key-words: Don Quijote; literature; religiosity; experience.

¹ Licenciada em Pedagogia (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), especialista em Educação Infantil e Séries Iniciais (Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS), Mestre em Teologia (Escola Superior de Teologia – EST), Doutoranda em Teologia (Escola Superior de Teologia – EST, RS, Brasil). Esse texto é parte da pesquisa de mestrado.

Dom Quixote: literatura e religiosidade

A força das narrativas para o diálogo com a teologia se baseie em fundamentações que corroborem práticas que incluam um enfrentamento com a história e a estética. Esse destaque à narrativa deve-se ao fato de que é na literatura que ela encontra a sua maior expressão sistematizada (MAGALHÃES: 2000, p. 181).

Compreender a finitude humana é tarefa infinita. Uma experiência pedagógica vivida com um grupo de estudantes idosos está na origem deste trabalho e se mostrou um momento privilegiado para buscar compreender como a vida é um constante processo de aprendizagem marcado por experiências significativas que envolvem o cotidiano. A vontade de compreender o mundo e o sentido da existência humana fazem parte do enunciado do discurso desses idosos, que chegando tarde aos bancos escolares, nem por isso deixaram de lado o desejo de saber, de conhecer, de interpretar o mundo no qual estão inseridos. Dentre as muitas experiências carregadas de significado, percebemos que através da educação eles encontram a si mesmos em suas narrativas, que eles vêem projetadas e descritas inclusive numa linguagem que poderia, à primeira vista, lhes parecer estranha e distante.

Percebemos que no encontro com a literatura, eles se descobrem participantes da construção da realidade, da qual o sentimento de religiosidade constitui um dos elementos mais importantes enquanto produção simbólica e cultural. Foi um momento feliz e de aprendizagem aquele no qual se deu o encontro desses idosos com a literatura clássica, quando sugerimos *Dom Quixote de la Mancha*, de Miguel de Cervantes. E não foi surpresa que eles, através da leitura e da interpretação dessa obra, realizassem uma importante experiência hermenêutica, dando destaque aos elementos que mais consideraram marcantes como a religiosidade.

O encontro dos idosos com Dom Quixote, através da leitura e da interpretação do texto de Cervantes, abriu um amplo conjunto de questões a serem investigadas, dentre as quais se destaca de modo muito especial a religiosidade. Além de aprofundar as relações entre literatura e religiosidade, a partir da análise dos enunciados dos entrevistados, pretendemos mostrar em que sentido o fenômeno religioso se expressa nas narrativas literárias, constituindo um indício da busca de sentido do humano. Na literatura podemos perceber claramente a marca das angústias, conflitos e desejos do humano, inclusive aqueles que estão ligados à religiosidade. Certamente a resposta adequada a essas questões não poderá se esgotar nesse trabalho e demandarão investigações futuras mais aprofundadas. No entanto, gostaríamos de apontar aqui para alguns elementos que consideramos importantes para compreender a relação entre literatura e religiosidade, tal como percebida pelos entrevistados após a leitura de Dom Quixote.

Como sabemos, Dom Quixote tem a religiosidade como um tema central. Cervantes utiliza uma linguagem poética, muitas vezes irônica, para tratar desse tema no contexto de sua crítica social. Mas em Dom Quixote os diferentes níveis de discurso exigem uma aproximação cautelosa, que somente um tratamento hermenêutico pode oferecer. Nesse sentido, para compreender o texto cervantino, convém considerar o que é exposto pela hermenêutica.

De acordo com a perspectiva gadameriana (GADAMER: 1986, p. 143-151), o discurso religioso e o discurso poético são dois tipos diferentes de discurso. No entanto, eles não se excluem um ao outro, pois na poesia é possível encontrar manifestações religiosas. Assim, como o inverso também pode acontecer, pois em alguns textos entendidos como religiosos estão presentes aspectos poético-literários e isso os distinguem de outros textos religiosos.

Na esfera do divino, na qual são narradas muitas histórias, desde a Antiguidade, podemos encontrar as narrativas das condutas dos deuses e das relações dos humanos com os deuses, o que produziu uma grande série de histórias. E a forma épica da literatura é a expressão dessa série. Já no que se refere à cultura judaico cristã, em alguns textos do Antigo Testamento podemos encontrar passagens com uma grande densidade narrativa. Como por exemplo, algumas parábolas de Marcos. Contudo, a arte da narrativa também está presente no modo próprio de relatar do Novo Testamento. E essa foi uma questão destacada pelo grupo de entrevistados que percebiam a relação, mas também a diferença entre as narrativas bíblicas e as narrativas contidas no romance cervantino. E, por esse motivo, a busca em entender o que seria a narrativa sagrada e profana suscitou muitas discussões entre eles.

A leitura da narrativa de uma novela, segundo Gadamer (1986, p. 74-75) tem na palavra a reflexão sobre as coisas e os acontecimentos, tendo uma cartografia não só na terra dos personagens ou de suas bocas, mas também na boca e nas palavras do narrador, quem quer que ele seja. Essa é uma questão que podemos constatar na narrativa cervantina onde ora os acontecimentos são narrados pela ótica de Benengelli, ora o narrador de Dom Quixote, ora Cervantes toma a frente da narrativa. E ainda, a obra cervantina pode ser narrada e interpretada de diferentes formas pelos leitores que dialogam com o texto. Entretanto, o grupo de entrevistados acredita que a obra cervantina se constitui como parte de uma narrativa profana. Nesse sentido, Gadamer considera muito relevante a contribuição de Benjamin para os estudos a respeito da narrativa:

La palabra comprende todo el ámbito del producir, todo lo que llamamos artesanía, pero también el desarrollo posterior de esa elaboración, hasta llegar al modo de producción industrial de la modernidad (...) En cierto sentido, poetizar es también hacer (...) El hacer de que aquí se trata se refiere al texto. Él hace que a partir de la nada puedan abrirse mundos enteros, y que el no-ser llegue al ser (GADAMER: 1986, p. 285).

Em Benjamin (1975) a arte da narrativa está presente no cultivo do ato de contar e interpretar uma história como se estivesse lapidando uma pedra bruta, ou ainda, dando forma a uma imagem de barro. Aqui a palavra narrada e ao artesanato são entendidos como uma rede de narrativas elaboradas pelos fios de histórias de homens que vivem a passagem do tempo de um modo artesanal e elaborado. E nessas elaborações referentes a arte da narrativa os entrevistados passaram a discutir a respeito do que seriam narrativas e leituras sagradas e o que seriam as narrativas e leituras profanas.

De acordo com Antoñanzas (1998, p. 39), as leituras profanas seriam as narrativas da experiência do homem em sua profundidade demonstrando seus sonhos, anseios e desejos, tais como encontrados nas poesias e novelas literárias. A leitura sagrada também trataria dessas questões mas em outra perspectiva, como podemos encontrar nas narrativas bíblicas. Por narrativa religiosa se entende aquela cujo espírito está implícito e exclusivamente orientado a re-ligação, celebração e vivência do divino. Partindo dessa perspectiva Antoñanzas afirma que: “Cervantes concibe um mundo donde (...) lo sagrado explicitamente mencionado no ocupa un lugar privilegiado, sino que forma parte de lo profano. Lo sagrado y lo profano no se confunden como ya sabemos, pero pueden jugar entre sí” (1998, p. 37).

Ao ler as passagens da obra cervantina em que essas questões aparecem os entrevistados perceberam e expressaram claramente a diferença entre a literatura sagrada, a Bíblia, e a literatura profana, no caso estudado por eles, o romance Dom Quixote e outros tantos citados pelo cavaleiro ao longo do texto cervantino. Nos excertos lidos no Sarau Literário (do qual o grupo participava) em que apareciam o Cura tentando persuadir o Engenhoso Fidalgo a abandonar os seus sonhos e ideais, os entrevistados expressaram entender que o papel do padre ou do pastor seria o de indicar o caminho certo a seguir, inclusive indicando os livros que se deveria ler. Nesse sentido Antoñanzas considera que:

El cura representa para el lector de 1605 el rechazo efectivo contra los libros de caballería. Su protagonismo en el escrutinio de los libros y la posterior condenación descubre su carácter moral, carácter que queda refrendado por su índole eclesiástica. De igual modo en Sierra Morena con el fin de reintegrar a Don Quijote a la condición de hidalgo lo describe como terapeuta (...) El cura no permanece estático ante el caballero, sino que se adentra en su locura con intención de redimirlá (...) Su intención ha sido curar la locura desde ella misma (...) La ironía no es entonces la persona del cura, sino su método (1998, p. 35-36).

Nesse caso é importante destacar que os leitores e ouvintes da história de Dom Quixote, em 2006 (nesse caso especificamente os entrevistados), também consideravam que o pastor ou o padre podem mostrar o melhor e o mais correto caminho a ser seguido, de acordo com o contexto social em que estavam inseridos. Eles consideravam que o representante de Deus poderia ser tanto o guia espiritual, como também terapeuta da comunidade em que trabalha. O grupo (com exceção de J., que se absteve desses comentários) relatou ter boas relações com os representantes religiosos de suas comunidades e acreditavam que seria muito importante seguir suas orientações. Eles acreditavam que os representantes de Deus, por ser homens letrados, saberiam das coisas do mundo sagrado e como não se perder no mundo profano. A partir dessa perspectiva, acreditavam que o Cura desejava o melhor para Dom Quixote e que, em função do cavaleiro cervantino não o ouvir, teve muitos problemas em sua jornada em La Mancha.

Entretanto, os entrevistados contaram que admiravam o Engenhoso Fidalgo, mas no que se refere as suas escolhas pessoais preferiam agir diferente dele e ouvir as prescrições dos seus líderes religiosos. E a iniciativa de procurar a escola para aprender a ler e escrever era apoiada pelos seus respectivos líderes religiosos, que consideravam importante aprender a ler, especialmente para ler a Bíblia. Desse modo, foi possível constatar que o desejo de ler no caso dos entrevistados estava relacionado e estimulado pela religiosidade.

É importante ressaltar aqui que os entrevistados viveram verdadeiras peregrinações rumo ao aprender a ler, pois passaram por muitas escolas e tiveram que abandoná-las por motivos diversos. Durante um longo tempo, eles tentaram aprender a ler na escola, mas devido às dificuldades no que se refere à aprendizagem e a inadequação ao sistema escolar, abandonavam seu projeto de se escolarizar, uma vez que o trabalho e o sustento da família estavam em primeiro plano, e ainda, lhes era difícil conciliar as exigências da escola com seu ritmo de trabalho. Contudo, eles decidiram voltar a escola e investir parte de seu tempo no objetivo de aprender a ler e a escrever, pois, segundo seus relatos, os líderes religiosos de suas comunidades asseguravam que “nunca é tarde para aprender”. E esse estímulo os levou a acreditar no poder redentor da palavra escrita e lida. Eles demonstraram considerar a leitura algo divino, superior; e ter acesso ao mundo dos escritos, seja a leitura da bíblia ou de um romance, estaria impregnado de saber e poder.

Em suas narrativas alegavam que quem decifrava, entendia, podia explicar os códigos da leitura sagrada seria um iluminado, como o padre ou o pastor. E aqueles que dominavam a leitura dos outros livros seriam as pessoas cultas que estudavam na universidade. Essas crenças representavam um dos principais fatores que os fazia sentir incapazes de fazer parte do mundo letrado. Entretanto, ao superar essas crenças eles conseguiram vencer suas dificuldades de aprendizagem e aprender a ler e a escrever suas próprias histórias valorizando-as como parte da cultura do mundo e não mais à parte dela. Desse modo, os entrevistados passaram a escrever

suas histórias de forma rimada como poesias expressando seus sonhos, seu modo de ver o mundo e sua religiosidade.

No entanto, os representantes de suas religiões enfatizavam que poesia não era leitura sagrada e que eles deveriam se concentrar na leitura da Bíblia. Pensando a partir dessa perspectiva Gadamer (1986, p. 139) resgata o sentido histórico e semântico a cerca das palavras *poesia e teologia* que se correspondiam na antiguidade grega clássica, uma vez que toda experiência, seja ela estética ou religiosa, nos incita a nos dirigirmos a elas pelas palavras que as nomeiam. O sentido grego primitivo para a palavra *poesia* estaria relacionado a fazer algo por meio das palavras e *theo-logia* seria o discurso à cerca do divino. Nesse período da história não havia separação entre o sentido dessas palavras, mas com o despertar da ciência e da filosofia iniciou um tenso conflito com a tradição religiosa e a poética que acabou conduzindo-as a separação e diferenciação entre ambas tradições.

Na tradição dos gregos havia lugar para a poesia dentro da religião. No entanto, na cultura cristã ocidental não há esse espaço para a poesia. Para o entendimento da nossa própria tradição podemos observar que a cultura *judaico-cristã* é baseada num livro sagrado constituído por narrativas, ou seja, na bíblia está presente a arte de narrar. Dessa forma, a escritura alcança uma validade canônica, de modo que em inglês quando se diz *scripture* se entende imediatamente que se trata da bíblia. Ocorre que nessa forma de religião, em cuja tradição estamos, fica evidente a separação entre poesia e religião. Sendo assim, a tradição da antiguidade grega clássica é considerada como pagã, enquanto a cristã é considerada sagrada, como podemos constatar no discurso dos entrevistados a cerca da opinião dos líderes religiosos de suas comunidades.

Ao analisar o que seria a representação da literatura profana, a seguinte passagem de *Dom Quixote de la Mancha* pode ser muito ilustrativa, pois trata a experiência do homem em suas fragilidades e tentações. Esse seria um dos elementos expressos na literatura dita profana:

En lo que toca el poner anotaciones al fin del libro, seguramente lo podéis hacer desta manera (...) sí tratatardes (...) de crueles Ovideo os entregará a Medea, si de encantadores y hechiceras, Homero tiene a Calipso, y Virigilio a Circe; si de capitanes valerosos, el mesmo Julio César os prestará a sí mismo en sus Comentarios, y Plutarco os dará mil Alejandro (CERVANTES:1987, p. 27-28).

A presença da literatura profana em *Dom Quixote* pode ser observada nas citações de diversos autores, como por exemplo, Amadis de Gaula, Aristóteles, Cícero, Virgílio, Homero e citações indiretas das obras de Erasmo de Roterdã, entre outros. O Engenhoso Fidalgo é considerado um hipertexto, pois se trata de um livro que faz referências constantes a outros livros de outros

autores. E dessa forma, pode estimular a leitura e a reflexão sobre importantes questões do âmbito social em sua pluralidade de manifestações culturais e religiosas. Desse modo, o que pode ser percebido entre os entrevistados de nossa pesquisa, é que a leitura da obra cervantina pode despertar o prazer da leitura e o desejo de compreender a natureza humana em sua profundidade tendo como fundamento à literatura.

A leitura sagrada de Quixote: os romances de cavalaria

Em suas andanças rumo a realização dos ideais e sonhos cavaleirescos, Dom Quixote tenta retomar a relação entre o tempo conflitante em que viveu e o tempo dos romances de cavalaria, que se tornaram sua leitura sagrada e religião. Nesse sentido Antoñanzas faz a seguinte afirmação: “El portador de la redencion será siempre el caballero (...) La caballeria y el caballero están revestidos de sacralidad. El héroe es el salvador y (...) es ministro de Dios. La caballeria es religión. (1998, p. 248)” De acordo com o referido autor, a suposta loucura do Engenhoso Fidalgo pretendia “restaurar el tiempo mítico y el tiempo sagrado de la caballería, de esa universal armonía entre el hombre, la naturaleza y Dios” (p. 91). Desse modo, podemos perceber que Dom Quixote investiu em suas lutas na tentativa de converter o mundo em representações de beleza divina, pois ele acreditava com veemência que os ideais dos cavaleiros das Cruzadas rumavam nessa direção.

Os entrevistados dialogaram muito sobre a temática da leitura sagrada e profana, e assim, foi possível constatar que eles ficaram mobilizados com o que o padre e o cura fizeram com a biblioteca de Quixote com a ajuda da ama e da sobrinha do personagem cervantino, como mostra a seguinte passagem: “Um dos remédios que o barbeiro e o cura por então idearam foi que se condenasse e emparedasse a sala dos livros, para que ao levantar-se o amigo não pudesse dar com ela (tirada a causa talvez cessasse o efeito) (CERVANTES: 2005, p. 68).

Ao ouvir a leitura desse trecho os entrevistados expressaram que entendiam a Bíblia como leitura sagrada. E no que se refere a leitura profana, em consenso, eles indicaram os romances de cavalaria, que em seu entender poderiam identificar seus vícios e virtudes. Nessa conversação os entrevistados associaram o não saber ler a uma espécie a ignorância, a falta de acesso à educação. E o saber ler para eles estaria vinculado à idéia de virtuosismo e acesso ao mundo do conhecimento. Como considera Gadamer (1986, p. 260) o ato de ler e interpretar estão relacionados à fantasia e aos elementos internos da imaginação que produzimos ao ler. Ele ilustra sua idéia com a imagem de uma corrente impetuosa que se agarra primeiro a uma imagem e logo em seguida a uma unidade figurativa. Considerando que o evocado por meio das palavras tem uma espécie de virtualidade, ou seja, não tem um caráter determinado, pois representa um jogo de possibilidades de atuação e de infinitos modos de interpretação.

Ao ter noção a respeito desse jogo interpretativo de múltiplas possibilidades e perspectivas, os entrevistados relataram perceber que suas histórias de vida têm tanto valor como as histórias dos livros. Eles constataram que suas narrativas, assim como as de Dom Quixote, estavam relacionadas ao período histórico em que viveram e não à parte dela. Como considera José Antonio Maravall em seu livro *Utopia y Contrautopia en el Quijote*:

Cervantes, como ya hemos dicho, y con él su personaje, están impregnados de modos de ver, de ideas, de aspiraciones, recibidas de las corrientes de espiritualidad del siglo XVI, las cuales proceden, de la crisis del final del Medievo y que, por esa razón anuncian el nuevo tiempo de la modernidad (MARAVALL: 1976, p. 25).

Em alguns momentos, os entrevistados demonstravam se identificar com as narrativas do mundo medieval e sua religiosidade, mas em outros percebiam que estavam vivendo em outro tempo, no qual a ciência teria muitas respostas para suas inquietações, mas a religião ainda acalmava suas angústias. E as leituras de passagens da obra cervantina proporcionaram reflexões que oportunizaram aos entrevistados uma *outra mirada* a respeito de suas inquietações através da discussão a cerca das diferentes interpretações das passagens do Engenheiro Fidalgo e do compartilhar experiências e visões de mundo com os colegas.

Podemos perceber que Dom Quixote despertou muitas discussões e reflexões nos entrevistados. Essa situação provavelmente se deu porque o Engenheiro Fidalgo é um clássico da literatura universal que tematiza questões religiosas, interculturais e étnicas através dos relatos e das metáforas de suas aventuras. Contudo, é necessário esclarecer que *Dom Quixote* é uma obra literária, ou seja, não é uma obra teológica, embora possa ocasionar importantes reflexões nesse âmbito. Em virtude disso, Antoñanzas (1998, p. 31) procura esclarecer essa questão explicando que Cervantes nunca pretendeu escrever literatura religiosa ou teológica, pois seu compromisso era puramente literário. Entretanto, a obra cervantina nos oferece significativas possibilidades de discussões nesse sentido. Um dos aspectos que podem ser analisados e discutidos neste clássico literário é a representação da literatura sagrada expressa nas oitenta citações diretas e indiretas à Bíblia acompanhadas de críticas sociais e religiosas elaboradas pelo próprio “pai de Quixote”. No trecho a seguir podemos observar algumas passagens de textos evangélicos (Mateus 10,12; Lucas 2, 14 e João 14, 27 citados por Cervantes) e que podem, inclusive, servir de referência para uma abordagem da questão da religiosidade no espaço escolar:

Y así, las primeras buenas nuevas que tuvo el mundo y tuvieron los hombres fueron las que dieron los ángeles la noche que fue nuestro día cuando cantaron en los aires: “Gloria sea en las alturas y paz en la tierra a los

hombres de buena voluntad”; y la salutación que el mejor maestro de la tierra y del cielo enseñó a sus allegados y favorecidos fue decirles que cuando entrasen en alguna casa dijese: “La paz sea en esta casa”, bien como joya y prenda dada y dejada de tal mano; joya, que sin ella, en la tierra ni en cielo puede haber bien alguno (CERVANTES: 1987, p. 751).

Como mostra Antoñanzas (1998, p. 321), para o fidalgo a presença e a onipotência de Deus é algo evidente, especialmente quando afirma que Deus é provedor de todas as coisas (CERVANTES: 1987, D. Q. I, 18), que seu amparo é certo (D. Q. I, 20), e ainda: “Dios hay en cielo, que no se descuida de castigar ao malo ni de premiar al bueno” (p. 447). Desse modo, os entrevistados passaram a se identificar cada vez mais com a religiosidade presente na obra cervantina, pois também acreditavam nesses enunciados e nos valores transmitidos por eles.

Ao longo dessa pesquisa foi possível constatar o interesse dos entrevistados pela obra *Dom Quixote de la Mancha*. Além disso, percebi a necessidade sentida por eles de encontrar um lugar para serem ouvidos, ouvir e compartilhar suas diversas narrativas. Observei que se faz urgente abrir espaços para o diálogo e a reflexão a respeito da multiculturalidade nas instituições escolares, especialmente no âmbito da Educação de Jovens e Adultos, como aconteceu com o grupo de idosos que fizeram desta pesquisa. Para que isso seja possível, o professor precisa desenvolver uma escuta sensível às histórias e conhecimentos que seus alunos expressam em sala de aula, para que a partir do conhecer e compartilhar das experiências vividas, os sujeitos possam respeitar, em sua singularidade e legitimidade, a história do outro, das diferentes culturas que transitam no espaço escolar.

Por isso, estamos de acordo com Benjamin (1975), que entendia a palavra narrada e o artesanato como sendo redes de narrativas elaboradas pelos fios de histórias de homens que se permitem viver a passagem do tempo de um modo fraternal. Também podemos aceitar a posição de Kramer (2008, p. 16-25), para quem o ouvinte e o narrador compartilham de uma coletividade e a narrativa (ponte entre passado e presente, indivíduo e tradição, passado individual e coletivo) deve ser cultivada para que os traços do narrador possam seguir com o ouvinte “como o oleiro deixa a marca de sua mão no vaso de argila”, uma vez que desprovido de experiência o homem não deixa rastros e que, por isso, ele precisa rememorar.

A partir dessa perspectiva, o hipertexto narrativo presente em *Dom Quixote* mostrou ser um importante elemento suscitador de significativas reflexões sobre as diferentes expressões culturais, pois as múltiplas vozes de narradores e personagens desse romance tematizam os conflitos, desejos e sonhos do humano, dentre eles, a sua eterna busca pelo sentido da vida. Como nos assegura Rohden (2008), “ler, muito mais que decifrar signos, significa alargar o horizonte dos nossos sentidos.” Em nosso trabalho pretendemos ter mostrado como a figura de Dom Quixote está relacionada a elementos religiosos vinculados à interculturalidade. Por isso,

nos diversos momentos de nossa investigação ficou claro que a obra de Cervantes serve para abordar questões relevantes no âmbito da religiosidade, ultrapassando assim as fronteiras temporais e culturais do seu tempo. Desse modo, no que diz respeito ao significado de Dom Quixote para a compreensão do fenômeno religioso, podemos concluir assumindo a posição de Klein (2008, p. 75-83), quando afirma que “a leitura e a narração não consistem meramente em compreender um texto de uma história, mas são fundamentalmente um ato de compreender a si mesmo e aos outros”. Através da leitura e da interpretação de Dom Quixote, os participantes desta pesquisa mostraram ser capazes de descobrir-se a si mesmo e ao seu mundo.

Pensando nesse sentido, em função das questões aqui pontuadas, consideramos de profunda relevância a leitura de clássicos literários no ambiente escolar, pois eles abordam o conhecimento e a cultura constituída pela humanidade em seus diversos tempos e espaços, além de propiciar reflexões a cerca do que se passa com a sociedade atual que mostra a necessidade de estudos sobre a questão do encontro intercultural e religioso.

Bibliografia

ANTOÑANZAS, Fernando Torres. *Don Quijote y el absoluto: alguns aspectos teológicos de la obra de Cervantes*. Salamanca: Publicaciones Universidad Pontificia de Salamanca – Caja Duero, 1998.

BENJAMIN, Walter. *O narrador*. São Paulo: Abril Cultural, 1975.

CERVANTES, Miguel de. *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. (Vicente Gaos). Madrid: Editorial Gredos, 1987.

_____. *Dom Quixote*. Volume I. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.

_____. *Dom Quixote*. Volume II. Porto Alegre: L&PM Editores, 2005.

GADAMER, Hans-Georg. *Estética y hermenéutica*. Madrid: Editorial Tecnos, 1986.

KLEIN, Remí. Educar para a sensibilidade solidária: interface entre Ensino Religioso e literatura infantil. In. Ensino Religioso: diversidade e identidade. Org. KLEIN, Remí;

BRANDENBURG, Laude Erandi; WACHS, Manfredo Carlos. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2008.

KRAMER, Sônia. Educação a contrapelo. In. Revista Educação – Especial: Benjamin pensa a educação. São Paulo: Editora Segmento, março 2008, p. 16-25. (Biblioteca do professor 7)

MAGALHÃES, Antonio. Deus no espelho das palavras, Teologia e Literatura em diálogo. São Paulo: Paulinas, 2000.

MARAVALL, José Antonio. *Utopia y contrautopia en el Quijote*. Santiago de Compostela: Pico Sacro. 1976.

ROHDEN, Luiz. *Interfaces da hermenêutica*. Caxias do Sul: EDUCS, 2008.